

A ARTE DESCOMPROMISSADA DO MUNDO REAL NÃO ME SERVE: ENTREVISTA COM LUÍZ HORÁCIO

Por Paulo Henrique Pappen¹



Luiz Horácio Pinto Rodrigues (Quaraí/RS, 1957)

Escritor, crítico literário, jornalista e tradutor de literatura francesa. Atualmente, faz doutorado em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Viveu no Rio de Janeiro, onde trabalhou como jornalista e fez parceria com outro escritor gaúcho, Fausto Wolff. Até o momento, Luiz Horácio tem seis livros publicados.

Luiz Horácio não é um “autor famoso”, o que certamente amplia a possibilidade de leituras originais de suas obras; ou seja, por não ter tido ainda uma recepção amplamente divulgada, estamos mais livres para interpretá-lo. Luiz Horácio corre por fora no mercado literário nacional, e ainda assim consegue viver de literatura. Ele me concedeu essa entrevista em julho de 2016. Aqui ele fala sobre sua obra de escritor, sobre a relação entre escrita e tradução e, de modo sincero, sobre suas concepções de mundo.

Paulo Henrique Pappen (PHP): *Como você iniciou a sua carreira como escritor?*

Luiz Horácio: Seria leviano indicar um marco, um fato, algo que determine o início da carreira de escritor. Se levarmos em conta a publicação do primeiro livro como ponto de partida, então foi em 2006, com *Perciliana e o pássaro com alma de cão*. No entanto acredito que o escritor comece sempre bem antes do primeiro livro, eu já tinha escrito e encenado três

¹ Mestrando na Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Bolsista CAPES.

textos teatrais no Rio de Janeiro, colaborava com jornais e sites, tinha escrito e jogado fora dois livros. Logo, temos escritor e escritor de livros. O importante mesmo é lembrar sempre e agradecer a primeira pessoa que me permitiu ter um livro publicado, Alberto Quartim, na época editor da Conex, editora paulista. Ao Quartim credito sempre o início da minha carreira de escritor de ficção.

PHP: Você poderia descrever como geralmente ocorre o seu processo criativo? Algo mudou entre *Perciliana e o pássaro com alma de cão*, sua primeira publicação e a última, *Beatriz – Viver é por enquanto*?

Luíz Horácio: O processo criativo é permanente, é a vida. Meus livros, todos, partiram de algo vivenciado por mim, é claro que faço algumas modificações, tênues vale dizer. Sendo assim, tudo é literatura, tudo é matéria para a ficção. O processo criativo é organizar isso e acrescentar fantasia. Isso mesmo, fantasia. Literatura precisa ter algo que leve o leitor a dizer: “mas isso é impossível!” Este o comentário fundamental, pois se trata de literatura; o contrário seria uma notícia de jornal, um boletim de ocorrência. Resumo: o processo criativo não é nada mais do que estabelecer a dose exata de fantasia. Não existe inspiração, voz mágica, existe a certeza de um trabalho duro aliado à sensibilidade. O que mudou de *Perciliana e o pássaro com alma de cão* para *Beatriz – Viver é por enquanto*? Simplesmente o aumento de responsabilidade, estudei mais, escrevi mais, envelheci, não posso errar tanto.

PHP: Você poderia descrever uma sua jornada típica de trabalho?

Luíz Horácio: Minha jornada de trabalho é simples. Quando estou escrevendo um livro, trabalho de segunda a sábado num dos turnos, manhã ou tarde, durante dois meses. Nada mais. Certa vez, uma pessoa disse que determinado autor gaúcho leva em média um ano para escrever um conto. Perfeccionismo e outras justificativas. Vejo isso como TOC em grau terminal. Escrever ficção é quase como qualquer profissão, quase porque é possível fantasiar, mas a disciplina, dedicação, seriedade é a mesma.

PHP: Você poderia falar sobre os seus escritores e escritoras preferidos? Em que medida eles dialogam com a sua escrita?

Luíz Horácio: Fica difícil dizer preferidos, porque escrever implica ler, e não pretendo me limitar aos preferidos. Mais importantes do que os preferidos são os questionadores, os inovadores, todo aquele que se arrisca. Acredito nisso em todos os aspectos da existência. E, em literatura, onde criatividade é fundamental, tal característica merece toda minha admiração. Mas sem fugir da sua pergunta, citarei alguns autores que estou sempre relendo: Gabriel García Márquez, Cervantes, Italo Calvino, Emmanuel Carrère, Amélie Nothomb, Samuel Beckett, Emil Cioran, Louis-Ferdinand Céline, François Rabelais.

Márquez e Calvino pelo fantástico, entre outros aspectos; Érico Veríssimo pelo regionalismo; Beckett e Cioran pelo beco para onde conduzem a existência humana; Carrère, Nothomb, Céline, por trabalharem a autoficção. Teria muito mais a dizer sobre Céline, mas não quero me estender. Direi apenas que *Viagem ao fim da noite* é leitura indispensável. Rabelais, teria tanto a justificar, mas vou fugir do lugar comum, que seria alinhá-lo à comicidade. Rabelais por ter apagado ou confundido as fronteiras entre burguesia e nobreza. Mas não posso deixar de citar um escritor extremamente importante em minha formação; Fausto Wolff. Com ele aprendi, entre outras coisas, que o escritor tem um compromisso com o outro, com o mundo, com a liberdade e com a preservação da justiça. Mas, ao morrer, Fausto Wolff foi desleal comigo, não permitiu mostrar-lhe o pouco que aprendi do muito que tentou me ensinar. Deixou-me em dívida permanente. Minha mãe fez o mesmo, não me viu escritor. A cada noite de lançamento de meus livros a procuro pela livraria, em vão espero a surpresa de sua presença. Não faz mal, continuarei a procurá-la assim como procuro por Fausto Wolff. As pessoas que amo morrem sempre antes da hora. E aqui uma, mais uma confissão, tenho medo imenso da morte, o que não me impede de imaginar a morte de quem amo. Não existe uma pessoa que eu ame que não tenha imaginado morta. Por isso minha permanente necessidade de amar, de retribuir esse amor.

Falei em justiça, mas repare bem, justiça não é o que condena, mas o que é justo, o que eu mereço todos os outros merecem, afinal de contas somos ou não somos iguais? A arte descompromissada do mundo real não me serve. Não, não pense em contradição por eu ter dito que não abro mão da fantasia em meus livros, até mesmo a fantasia se presta ao intuito de chamar atenção para a necessidade de liberdade. Liberdade não é andar pelas ruas sob andrajos, sem ter o que comer, onde dormir. Liberdade é poder escolher.

Muitos outros escritores foram e são importantes, Milan Kundera, Albert Camus, Flaubert, Victor Hugo, Stendhal.

PHP: *Além de escritor, você também é tradutor. Para você, existe alguma diferença entre ser criativo por conta própria e ser criativo através dos outros? Em que medida as duas atividades se integram ou se contrapõem?*

Luíz Horácio: Vejo um imenso abismo a separar as atividades de escritor e tradutor. Principalmente no que se refere a ser criativo. Tomemos um exemplo: Haroldo de Campos é respeitadíssimo como poeta, crítico, tradutor. Pois bem, não me agrada nada a sua verve tradutora, creio que o respeito à obra original inexistente. Creio que o fato de ele ter carregado todo esse respeito não o torne invulnerável às críticas. É óbvio que a criatividade, no campo artístico principalmente, seja indispensável, mas os limites, na tradução, também devem ser respeitados. Imagine eu ser criativo com a obra de Rabelais, não faz sentido. Por outro lado, as atividades de escritor e tradutor apresentam vários pontos comuns. Um deles, inestimável para a atividade de escritor, a leitura. Ao traduzir, você lê fazendo uso de todos os sentidos, além do aspecto crítico e da necessária humildade. É exatamente a humildade que freia o ímpeto criativo. Ao criar, você inventa; ao traduzir, você respeita.

PHP: *Como é o processo de revisão dos seus textos? Como você definiria a importância desta etapa na produção do texto? Como é a sua relação com os editores quanto a isso?*

Luíz Horácio: A revisão dos textos – para não me ater a uma possibilidade talvez me estenda, mas vamos lá: a revisão do português, concordâncias, etc., fica a cargo das editoras, e dessas não tenho a menor queixa. Tudo sempre ocorreu com imenso respeito e paciência da parte delas, sobretudo da editora de meus livros mais recentes, a editora inVerso, de Curitiba. Quanto à minha revisão, faço uma revisão simplória, em que conserto os equívocos gritantes, isso no quesito linguagem. Na parte do conteúdo, a história propriamente dita, conto com o auxílio de minha primeira leitora, minha mulher, Rejane Santiago, e da análise crítica de amigos. Minha relação com as editoras sempre foi a mais tranquila possível, e a todas só tenho agradecimentos.

PHP: *Você considera os seus textos publicados como textos prontos? Se sim, a partir de qual momento você os considera prontos? Você relê seus textos depois que eles foram publicados?*

Luíz Horácio: Quando entrego o livro à editora é porque o considero pronto. No entanto, detesto radicalismos, acato sugestões. Muitas vezes, uma frase precisa de um ajuste; já usei

dois nomes, nomes diferentes quero dizer, para me referir a um personagem. Menos mal que percebi antes de enviar à editora, mas tenho certeza que o(a) revisor(a) perceberia. Não costumo reler meus livros após a publicação. E confesso: dói, acho triste. Por vezes, em palestras, sou obrigado e já passei maus momentos. *Perciliana e o pássaro com alma de cão* é um livro que não consigo ler sem chorar. Certa vez, era inevitável, fui avisado de que deveria ler um trecho ao final da palestra. Comecei a ensaiar mais ou menos com um mês de antecedência para não dar vexame. Quando chegou a hora, uma senhora na plateia levantou e pediu para eu ler o trecho de uma determinada página. Meu ensaio não ajudou nada, é claro que li chorando.

PHP: *Você poderia descrever como é o processo de publicação dos seus textos? Como são as relações de trabalho entre você e as editoras nas quais publica?*

Luíz Horácio: No que diz respeito ao processo de publicação de meus livros, peço sua licença para limitar à editora inVerso, conforme citei anteriormente, que publicou dois livros e logo lançará outro. Tenho o privilégio de ter uma editora extremamente competente, Cristina Jones, com uma equipe afinadíssima, que me destina todo respeito, carinho e cuidado com o livro. Nada é imposto, discutimos tudo, do formato do livro à capa, à epígrafe. Sou um privilegiado nessa relação com a “minha editora”. Vale destacar que passa longe de mim qualquer arroubo de vaidade, de achar que tem que ser conforme determino, etc... Estão acreditando no meu trabalho, ainda vou fazer exigências? Jamais.

PHP: *Quais são seus projetos atuais em relação à literatura e à tradução?*

Luíz Horácio: Quanto aos novos projetos: a editora inVerso tem os originais de um livro infantil; já comecei a escrever outro romance. No campo da tradução, traduzo *Gargantua*, objeto do doutorado. Estou prestes a concluir uma retradução de *Madame Bovary*, que será publicada pela editora inVerso, isso o que está confirmado. A confirmar, uma antologia de poetas do Quebec.

PHP: *Para você, qual é o papel do escritor e da literatura hoje?*

Luíz Horácio: O papel da literatura, hoje, deve ser o mesmo desde o seu surgimento, de alguma forma levar conhecimento, estimular a curiosidade e não permitir que nos tornemos

insensíveis às agruras do nosso semelhante. Não estou me referindo à literatura engajada, mas também não vejo o menor problema nessa característica. O papel principal da literatura, como da arte em geral, é incomodar. Incomodar o leitor, estimular sua reação, principalmente no sentido de se melhorar.

PHP: *Para que(m) você escreve?*

Luíz Horácio: Não vou dizer que não me importo com isso, que não me interessa quem porventura venha a ler meus livros, mas não posso dizer que escrevo para A ou B. Ser lido simplesmente já é um imenso privilégio.

PHP: *O pampa é um tema recorrente em sua obra. O que seria o pampa para você?*

Luíz Horácio: O pampa é a liberdade. É o ambiente das possibilidades, da imaginação. É dentro desse universo que insiro o “meu pampa”. Trata-se de um cenário mítico, onde junto à tradição crio outra tradição. O pampa permite tudo, é o palco da imaginação da criatividade, é onde animais e árvores falam, o espaço de Perciliana, a negra transcendental, presente em todos os meus livros. O pampa e sua imensidão permite ao gaúcho entender a extensão do mundo, é o magnífico mar verde, um convite à reflexão a todos que se percebem integrantes daquela natureza. O pampa também tem um quê de monotonia/melancolia, mas como superar, conviver com isso? O pampa responde: com a imaginação, com a fantasia. Essa mesma imensidão não fez do gaúcho um ser dos mais humildes. Humildade não é uma das grandes qualidades do habitante destas plagas. Culpa do pampa, pois frente a tamanha beleza o gaúcho, conforma-se em não ser perfeito, embora devesse ser.

PHP: *Para finalizar, e contemplar quem ainda não conhece o seu trabalho, você poderia falar um pouco sobre suas obras? De que tratam, e como tratam os livros que você escreveu?*

Luíz Horácio: *Perciliana e o pássaro com alma de cão*, editora Conex (2006). Ambientado no interior do Rio Grande do Sul, mais precisamente na fronteira com o Uruguai, permite à personagem-título contar a história de uma família para Santiago, meu alter ego, narrador e personagem. Perciliana é uma negra transcendental, elementos do fantástico perpassam a história. Trata-se de um livro dentro do livro. Dois livros sendo escritos ao mesmo tempo. Quase tudo tem relação com minha vida.

Nenhum pássaro no céu, editora Fábrica de Leitura (2008). Uma ode ao pampa, ao fantástico, à liberdade. Foi na noite de lançamento deste livro que encontrei Rejane, minha mulher, um livro muito especial para mim.

Pássaros grandes não cantam, publicado pela editora Global (2010), encerra o que alguém, sinceramente não lembro quem, convencionou chamar de “Trilogia alada”. Nesse livro expesso a crueldade humana e, ao mesmo tempo, deixo nítida a necessidade, a dependência do amor. Assim como nos títulos anteriores, a natureza tem papel extremamente importante na história. Traduz o respeito que destino a tudo que vive.

Doralina – uma tardia declaração de amor, editora inVerso (2014). Conforme o título, é uma declaração/confissão de amor tardia à minha mãe. Narro alguns momentos de nosso convívio, minhas apreensões, minhas insatisfações, minha tristeza, a dor que dividimos e transformei em livro. Este título marca o começo de minha trajetória na editora inVerso, e espero jamais decepcionar minha editora Cristina Jones, pois, creio já ter dito isso, trata-se de pessoa do mais fino trato e de fundamental conhecimento literário.

Thelma, editora inVerso (2015), é a história de Luís Horácio, garoto que se sente só após a separação dos pais e pretende tornar-se invisível. Para isso se faz passar, nas suas palavras, por um abobado. Urina-se, baba, foi a fórmula encontrada para ser ignorado. Parece funcionar, mas, um dia, sua tia Thelma vai visitar a estância e tudo muda. Permita que me estenda um pouco. Foi decretada a morte do autor, pois bem, sabemos do simbolismo por trás disso. No entanto não sou obrigado a concordar. Tanto não morreu, que na capa do livro o autor é Luís Horácio, o personagem. Este encontrará Luíz Horácio durante o lançamento de *Doralina – uma tardia declaração de amor*. Diz-se que o que está no papel é ficção, que a persona autor pouco tem a ver com a pessoa física, significa dizer que o eu que escreve não é o eu que agora responde esta sua pergunta? Estaremos diante de um caso de paranormalidade ou esquizofrenia? Se alguém conseguir provar que aquele que escreveu os livros acima citados não é o mesmo que ora concede esta entrevista, abandono tudo e mudo para o Zimbábue. O autor não morreu e a prova disso é que ele é capaz de dar essa autoria a um personagem.

Beatriz – Viver é por enquanto, editora inVerso, traz a história de Luíz Horácio, de suas filhas, Beatriz e Eduarda, da procura incessante por amor. Beatriz presencia um crime ocorrido num museu do Rio de Janeiro, entra no programa de proteção à testemunha, deixa o país. Por acaso as meninas se encontram numa cidade francesa.

Você perguntará, mas por que Luíz Horácio? Porque eu sou o autor, posso dar o nome que eu quiser. Escrevo na primeira pessoa, contrariando a teoria, sou em papel e tinta, são

algumas de minhas experiências, das minhas emoções. Em *Beatriz – Viver é por enquanto* tem muito dos meus casamentos, da relação com uma de minhas filhas, das minhas insatisfações, dos meus medos, da minha rabugice. Sei que me exponho, não precisar me esconder é um grande privilégio. Felizmente não tenho por que me envergonhar, muito menos quando se trata de qualquer pessoa que eu amo.

Em todos os livros algum personagem faz referência à Perciliana. Em *Beatriz – Viver é por enquanto*, a personagem Manoela, também uma negra transcendental, pode ser Perciliana.

Entrevista realizada em 12 de julho 2016.